

Vinculando a Educação ao Comportamento Financeiro: Como Decidem Estudantes de Graduação na Modalidade Virtual de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas?

Joseane Borges de Miranda

Doutoranda Administração UFSC

joseane.miranda@unisul.br

Denize Demarche Minatti Ferreira

Professora do Departamento de contábeis da UFSC

Demize.minatti@ufsc.br

Marcus Venicius Andrade de Lima

Professor do Programa de Doutorado de Administração da UFSC

Marcus.lima@ufsc.br

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar se os preceitos da educação financeira provenientes das disciplinas ministradas em cursos de graduação na modalidade à distância (EaD) influenciam ou não o comportamento financeiro e a tomada de decisão quanto aos recursos investidos. A população da pesquisa é composta por 1492 acadêmicos de graduação dos cursos de bacharelado Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas da UnisulVirtual. A amostra final foi composta de 176, o que equivale a 12% da população alvo e representa um erro amostral de 7%. Dentre os principais resultados, percebeu-se que a formação acadêmica pode contribuir para a tomada de decisões de investimento de recursos. Uma vez que 73% identificou alguma disciplina em que o conteúdo programático mostrou-se relevante para o seu atual comportamento financeiro. Em um teste de correlação entre variáveis julgadas no que se refere a determinação da decisão do investimento, observou-se o coeficiente de correlação de Pearson com valor de $r = 0,84$, o que mostra uma forte correlação entre renda e reservas para despesas imprevistas, o mesmo acontece com a correlação de rendas e investimentos de recursos, resultando em um valor de $r = 0,82$. Destaca-se ainda que 59% dos respondentes mostram ter algum conhecimento do que pode influenciar no seu comportamento financeiro visto que elencou disciplinas que podem ser consideradas como apresentado conteúdo facilitador a uma boa educação financeira.

Palavras-chave: Educação financeira; Comportamento financeiro; UnisulVirtual

1 INTRODUÇÃO

Educação financeira é um assunto bastante explorado em pesquisas, Greenspan (2002) afirma que o tema abrange questões de conhecimento para elaboração de orçamentos e planos de poupança, fazer investimentos estratégicos auxiliando tomadas de decisões, visando maximizar o bem-estar. O cenário econômico cada vez mais volátil tornam necessários conhecimentos técnicos para investimentos de recursos no mercado financeiro. Logo, conhecer sobre finanças colabora de forma consciente para que se forme indivíduos responsáveis no que tange a gestão de seus gastos e nos compromissos de longo prazo, a fim de contribuir para a melhoria do planejamento pessoal e familiar. Corroborando com tal pensamento, Verdinelli e Lizote (2014) afirmam a necessidade de se entender os preceitos da educação financeira, principalmente depois de passar por períodos de alta inflação, no qual o resguardo do poder econômico era apenas adotar um comportamento consumista. Para os autores, chegou-se a uma estabilidade econômica, obrigando os indivíduos a adotar mudanças na maneira de gerenciar seu dinheiro e por conseguinte seus investimentos.

Ao se realizar um investimento, os requisitos exigem que os indivíduos obtenham informações sobre as condições do negócio, previsões sobre orçamentos futuros e estudos com as variáveis taxas de juros e período de pagamento (LUSARDI, 2008). Para o autor, essa tarefa é difícil e demanda conhecimento, logo uma alfabetização financeira, pois a qualidade das nossas decisões financeiras está intimamente ligada à alfabetização financeira que se detenha (VIEIRA, BATAGLIA e SEREIA, 2011).

Gadelha, Lucena e Correia (2014) reafirmam sua relevância vem crescendo em decorrência dos desenvolvimentos financeiros, econômicos e políticos. Trevisan et al. (2007) concorda com os dizeres dos referidos autores e afirmam que a sociedade passa por um processo de mudança devido aos avanços tecnológicos em diferentes áreas e de intensificação do processo de globalização. E, entendem que esse período de mudanças passa a ser entendido por três aspectos importantes: as facilidades para se adquirir informação, a diversificação das formas de saber e conhecer e, por fim destacam a procura por uma educação contínua e eficiente, características de uma sociedade dependente de conhecimento.

Diante da importância da educação financeira, a presente pesquisa pretende contribuir para a discussão e a busca incentivar a inclusão de disciplinas afins a educação financeira. Logo, a presente pesquisa pretende investigar qual a influência da educação formal de um curso superior na modalidade à distância quanto à qualidade do comportamento e da tomada de decisão dos indivíduos. O objetivo deste trabalho, é, portanto, analisar se os preceitos da educação financeira provenientes das disciplinas ministradas em cursos de graduação na modalidade à distância (EaD) influenciam ou não o comportamento financeiro e a tomada de decisão quanto aos recursos investidos. A justificativa tem por base os dizeres de Donadio, Campanario e Rangel (2012) e Nascimento et al. (2015) que pontuam que o alto grau de endividamento das famílias pode revelar que há uma ampla parcela da população com mínima alfabetização financeira, o que torna os indivíduos mais propensos ao endividamento.

Este artigo está constituído de cinco itens, composto pela introdução em que se faz um enfoque geral sobre educação e cultura financeira, em seguida a fundamentação teórica sobre o assunto, posteriormente apresenta a metodologia, em seguida se discute os resultados, e finalmente as conclusões.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

A educação é um fator decisivo na vida das pessoas e a partir de então se obtém conhecimentos necessários para se alcançar objetivos pessoais e, por conseguinte financeiros. A educação financeira apresenta-se como fator principal para a vida financeira equilibrada. Porém, é necessário entender que educação financeira e alfabetização financeira mostram, segundo Potrich, Vieira e Ceretta (2013) diferenças conceituais e se usados como termos sinônimos se pode suscitar problemas, uma vez que a alfabetização financeira vai além, sendo, portanto, fundamental diferenciá-los.

Para Lopes et al. (2014), a tenuidade entre os dois conceitos seria o fato da aplicação dos conceitos aprendidos em prática, e esta prática molda a habilidade de gerir com segurança seus recursos. Portanto, para os autores, educação financeira se restringe aos conceitos e conhecimentos adquiridos e alfabetização financeira consiste na soma desses conhecimentos com a prática, ou seja, na real implementação desses conteúdos adquiridos para tomadas de decisão consistentes e seguras, visando o bem-estar.

As primeiras definições de alfabetização financeira (*financial literacy*) caracterizavam-na como a capacidade de fazer julgamentos e tomar decisões efetivas sobre o uso e gestão do dinheiro (NASCIMENTO ET AL., 2015).

A educação financeira desenvolve habilidades que facilitam as pessoas tomarem decisões acertadas e fazerem adequada gestão de suas finanças pessoais, o que contribui para que haja maior integração entre os indivíduos na sociedade e que possibilite a ascensão a um mercado mais competitivo e eficiente (VIEIRA, BATAGLIA E SEREIA, 2011). Os autores afirmam que os países desenvolvidos como por exemplo, os Estados Unidos inseriram a disciplina de educação financeira nas grades curriculares de escolas secundárias, e o Reino Unido tem a disciplina ofertada em caráter facultativo nas escolas, mas a oferece via mercado, pelos vários setores econômicos por meio das Instituições Financeiras. Ressaltam ainda que no Brasil, o tema ainda não ganhou as mesmas proporções, há iniciativas independentes ou por parte de instituições públicas e privadas, que contribuem para a informação do consumidor, mas ainda está aquém da transferência de conhecimentos financeiros necessários a decisões de mercado e de negócios por parte da população.

A alfabetização financeira possui duas dimensões: o entendimento, que representa o conhecimento financeiro pessoal ou a educação financeira, e a sua utilização, ou seja, a aplicação de tais conhecimentos na gestão das finanças pessoais, que é denominada a alfabetização financeira (HUSTON, 2010). Há várias definições para a expressão educação financeira. Para a OCDE, é uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para que as pessoas tomem decisões financeiras e com isso alcancem seu bem-estar financeiro individual (OCDE, 2011).

No que concerne ainda a diferenças entre os conceitos, a educação financeira está relacionada com conhecimento financeiro e a alfabetização financeira barça conhecimento, o comportamento e atitude financeira dos indivíduos (XU E ZIA, 2012; HUNG, PARKER E YOONG, 2009; POTRICH, VIEIRA E CERETTA, 2013).

Como são termos diferenciados, mas que podem causar certo conflito é oportuno conhecer a definição de Denegri et al (2014) que descrevem alfabetização financeira como processo de aprendizagem dos padrões de interação com a economia através da interiorização de conhecimentos, habilidades, estratégias, padrões de comportamento e atitudes sobre o uso consciente do dinheiro e seu valor para a sociedade.

Peretti (2008) diz que a alfabetização financeira propicia uma mentalidade inteligente e saudável sobre o dinheiro, ajudando a criar consciência dos limites quando auxilia a ganhar, gastar, poupar, investir e doar de forma inteligente e racional. Para o autor é a capacidade de administrar o dinheiro e, por conseguinte é um instrumento capaz de proporcionar melhor bem-estar e qualidade de vida às pessoas. Deste modo, está além das decisões financeiras, segundo auxilia na busca de uma melhor qualidade de vida, tanto hoje quanto no futuro, proporcionando a segurança necessária para garantir uma aposentadoria mais tranquila e aproveitar as coisas boas da vida (LUSARDI e TUFANO, 2009).

Diante dos conceitos observa-se que são evidentes as contribuições que a educação financeira pode proporcionar, pois apresenta características que permite diferenciar as pessoas que não possuem educação financeira das que a possui. Deste modo, estudos correlatos são desenvolvidos com intuito de explicar se a educação financeira influencia no comportamento das diferentes formas de investir seus recursos.

2.2 PESQUISAS ANTERIORES

Pela importância dos estudos realizados na área da educação financeira, na sequência são apresentadas pesquisas selecionadas para fundamentação do tema, sobre comportamento e educação financeira (Figura 1).

Figura 1 – Pesquisas Correlatas

Autor (es) /ano	Objetivo	Resultados
Marsh (2006)	O objetivo do trabalho foi examinar atitudes relacionadas às finanças, tais como comportamento financeiro e níveis de conhecimento pessoal de ingressantes e concluintes em universidades na Universidade Baptista no Texas por meio de pesquisas <i>on-line</i> foram empregadas para a coleta de dados do estudo.	Nos resultados, o autor pontua que concluintes demonstraram atitudes, comportamentos e conhecimentos de finanças pessoais significativamente melhor que os ingressantes, o que foi demonstrado de forma estatística.
Amadeu (2009)	O autor verificou o contato dos alunos com disciplinas de cunho financeiro ou econômico influenciam de forma positiva nas decisões financeiras do cotidiano dos alunos.	Dentre os principais resultados, o autor aponta que os alunos dos cursos de Ciências Econômicas e Administração apresentaram os melhores índices e propõe a inclusão de uma disciplina de Educação Financeira como optativa nas grades
Vieira, Bataglia e Sereia (2011)	Os autores analisaram se a educação financeira obtida na graduação influencia consumo, poupança e investimento. A população foi 610 alunos de graduação de Ciências Econômicas, Administração, e Ciências Contábeis de uma universidade pública do norte do Paraná.	Os resultados apontaram que a formação acadêmica contribui para a melhor tomada de decisões de consumo, investimento e poupança dos indivíduos, porém, os aspectos analisados não obtiveram relevância estatística significante.
Potrich, Vieira e Ceretta (2013)	O estudo teve por objetivo verificar se os estudantes universitários são alfabetizados financeiramente e se a alfabetização é afetada por variáveis socioeconômicas e demográficas. Os autores aplicaram questionários a 534 estudantes de graduação de universidades na região central do Rio Grande do Sul.	Os resultados revelam que os estudantes apresentam comportamento financeiro positivo, não satisfatório, dado que não têm estabelecidos, hábitos de poupar por mês e manter reserva financeira para casos inesperados. Destacam que os alunos possuem atitudes financeiras adequadas, apesar de demonstrarem nível insatisfatório

		de conhecimento financeiro, apontando grau médio de alfabetização financeira.
Lopes et al. (2014)	O estudo mensurou o grau de alfabetização financeira dos universitários de administração, ciências contábeis e ciências econômicas da FECAP, ou seja, determinar se os alunos aplicam o que aprendem na teoria.	Os resultados demonstraram que os estudantes alfabetizados financeiramente, tem nota geral de 2,63 tendo 3 no máximo. Em comportamento financeiro, o destaque negativo foi que 56% dos alunos não possuem reserva financeira maior ou igual a três vezes a renda mensal a ser usada em casos inesperados.
Lopes Jr., Peleias e Savoia (2015)	O trabalho analisou o nível de conhecimento financeiro de jovens da geração Y e a influência dos fatores faixa etária, gênero e curso no resultado obtido. Para realização do estudo foi selecionada uma amostra de 464 estudantes de um centro universitário na zona sul de São Paulo.	Os resultados contribuem auxiliam a moldar produtos e serviços oferecidos à geração Y, demonstrando a necessidade de orientar jovens quanto a questões financeiras, alertando-os para a necessidade de ampliar suas bases de conhecimento financeiro e para empresas em geral que oferecem produtos e serviços para jovens.
Nascimento et al. (2015)	O estudo mensurou o nível de alfabetização financeira dos discentes do curso de Administração de empresas de uma IES Federal. Foi conduzida uma <i>survey</i> com 307 alunos e uma análise de dados, foi utilizada a Teoria de Resposta ao Item (TRI).	Foram obtidos indícios que permitem concluir pelo baixo nível de alfabetização financeira e pela existência de um perfil conservador de investimento por parte dos discentes. O estudo contribuiu ao testar no contexto nacional, a utilização da TRI à estimação da alfabetização financeira, possibilitando a comparabilidade dos conhecimentos financeiros por meio uma medida consistente e confiável.

As pesquisas relatadas na Figura 1, de modo geral, visaram identificar os temas correlatos; a educação e o comportamento financeiros, verificando situações semelhantes em outros estudos.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa quali-quantitativa com a aplicação de um questionário (formulário eletrônico do modelo *Google forms*) com os acadêmicos matriculados nos cursos de bacharelado em Ciências Sociais da UnisulVirtual. É considerada também como exploratória porque descreve e analisa o domínio, aqui neste estudo, o comportamento dos acadêmicos referentes aos conhecimentos sobre comportamento financeiro, investimentos e tomada de decisão. Para Andrade (2002) é a pesquisa modalidade de pesquisa que proporciona maiores informações sobre o assunto a ser abordado, facilitando a delimitação do tema da pesquisa, orientando a fixação dos objetivos e descobrindo um novo enfoque sobre o assunto.

A população alvo deste estudo foi composta pelos os acadêmicos matriculados nos cursos de bacharelado em Ciências Sociais da UnisulVirtual, que compreendem: Ciências Econômicas com 18%, Ciências Contábeis com 31% e Administração com 51% da população total, ou seja, um total de 1492 acadêmicos. A UnisulVirtual é responsável pelos projetos e programas de EaD da Unisul. Baseado no conceito de universidade virtual, o modelo pedagógico adotado pela UnisulVirtual garante flexibilidade aos alunos, permitindo a escolha dos horários e locais de estudo, com o acompanhamento permanente de professores, via *internet*, mas conta ainda com polos de apoio presencial em todo país (UNISULVIRTUAL, 2016).

Os cursos são ofertados exclusivamente na modalidade a distância, e cada curso possui uma sala de interação no ambiente virtual da instituição com todos os alunos. O retorno obtido na última semana de abril seguiu as recomendações de *marketing* institucional para não enviar *e-mails* as segundas e sextas-feiras, desta forma a semana foi compreendida de quarta a quarta, totalizando 176 respondentes, o que equivale a 12% da população alvo e representa um erro amostral de 7%.

Os dados sobre comportamento financeiro analisados na presente pesquisa foram coletados por meio de um questionário ou *survey*, caracterizada pela interrogação das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Esta pesquisa, portanto, utilizará o questionário (formulário eletrônico do modelo *Google forms*) contendo 29 questões (ver Apêndice), versando sobre conceitos de finanças, nível de conhecimento, perfil do respondente e decisões de consumo e investimento dos acadêmicos. Para coletar dados sobre o comportamento financeiro dos acadêmicos, matriculados nos cursos de bacharelado em Ciências Sociais da UnisulVirtual, e para a coleta de dados foram utilizadas questões adaptadas de pesquisas anteriores da área (VIEIRA, BATALHA E SEREIA, 2011).

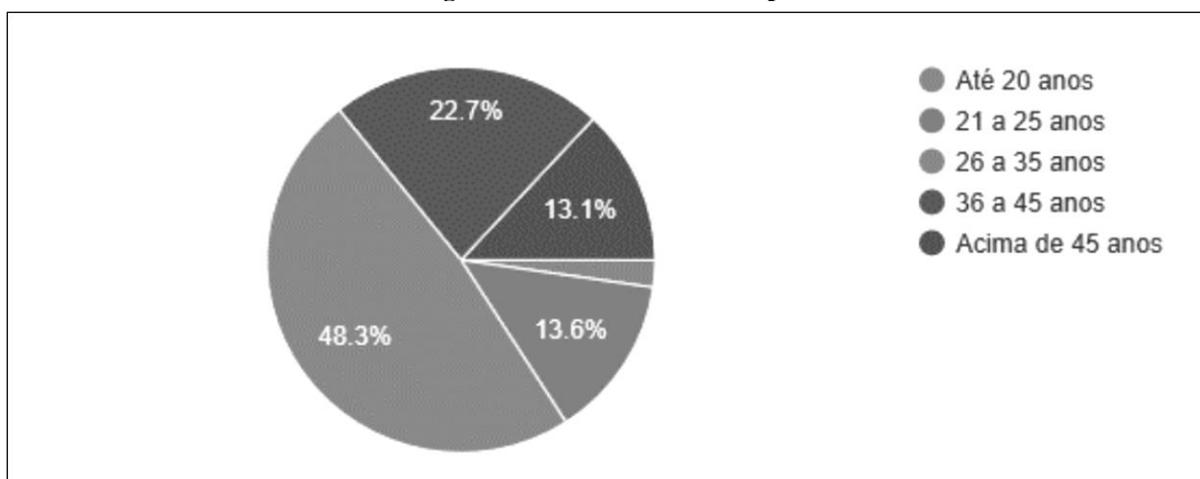
O bloco primeiro bloco traz questões para caracterizar a amostra estudada, tais como: idade, gênero, renda, estado civil e curso, permitindo traçar um perfil do entrevistado e características. A segunda etapa elenca as questões referentes do comportamento financeiro e simulações sobre aplicações de renda e, o último grupo de questões procurou identificar o conhecimento de conceitos básicos relacionados à agregados macroeconômicos, com um total de 28 questões.

Para verificar a correlação entre algumas variáveis foi utilizado o coeficiente de correlação Pearson (r), este varia de -1 a 1. O sinal indica direção positiva ou negativa do relacionamento e o valor sugere a força da relação entre as variáveis. Uma correlação perfeita (-1 ou 1) indica que o escore de uma variável pode ser determinado exatamente ao se saber o escore da outra. No outro oposto, uma correlação de valor zero indica que não há relação linear entre as variáveis (FIGUEIREDO FILHO ET AL, 2014).

4. RESULTADOS

O primeiro bloco de questões teve o intuito de identificar as características gerais da amostra variando de gênero a renda média. Detectou-se que 48% dos respondentes apresentam idade entre 26 e 35 anos, anos, seguido de 23% entre 35 e 45 anos, destaca-se que os acadêmicos da modalidade a distância são mais velhos o que condiz com as características da amostra (Figura 2). Quanto ao sexo dos entrevistados, aproximadamente 70% é do sexo masculino e pode-se afirmar nesse caso que os mesmos são os provedores e investidores de suas famílias.

Figura 2 – Faixa etária dos respondentes

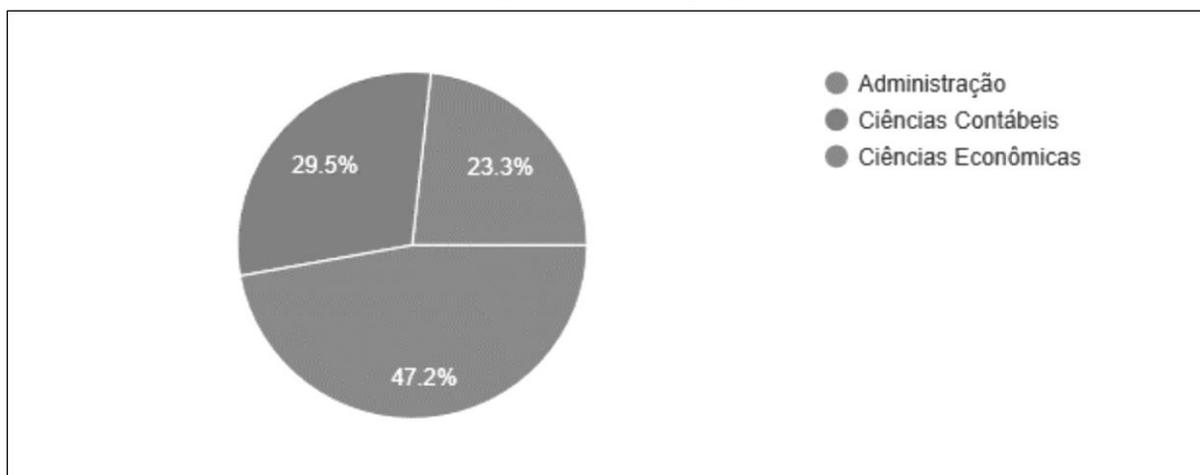


Fonte: Autores (2016).

Quando perguntados em relação ao estado civil, aproximadamente 66% disseram ser casados ou estarem em união estável que pode indicar uma preocupação ou um cuidado financeiro com a família. Os demais, uma média de 34% de solteiros, divorciados ou viúvos, ressaltando que destes 31,3% declaram-se solteiros.

A maioria das respondentes são do curso de Administração, 47% do total, o que corresponde a estratificação inicial da população, seguido pelos cursos de Ciências Contábeis com aproximadamente 30% e há uma participação um pouco maior da representação estratificada dos acadêmicos de Ciências Econômicas com 23% (Figura 3).

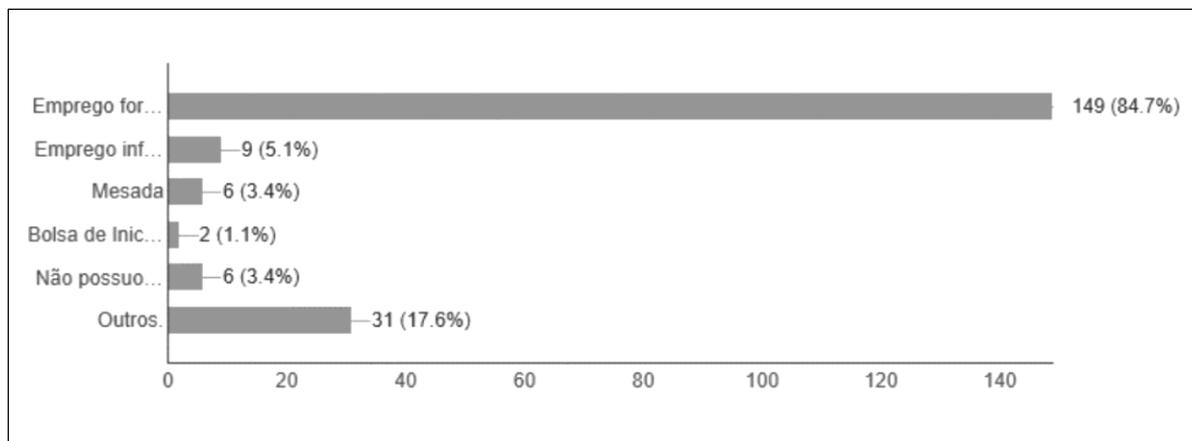
Figura 3 – Cursos pesquisados



Fonte: Autores (2016).

Quanto às fases em que estão cursando, os respondentes representam vários segmentos dos cursos com destaque de 26% para a última (ou oitava) fase, seguido por 15% da sexta e, 13% da quinta fase. Ao serem questionados quanto sua fonte de renda, a grande maioria 85% respondeu o emprego formal, 17% citaram outras fontes tais como, microempresários e renda proveniente de aluguéis (Figura 4).

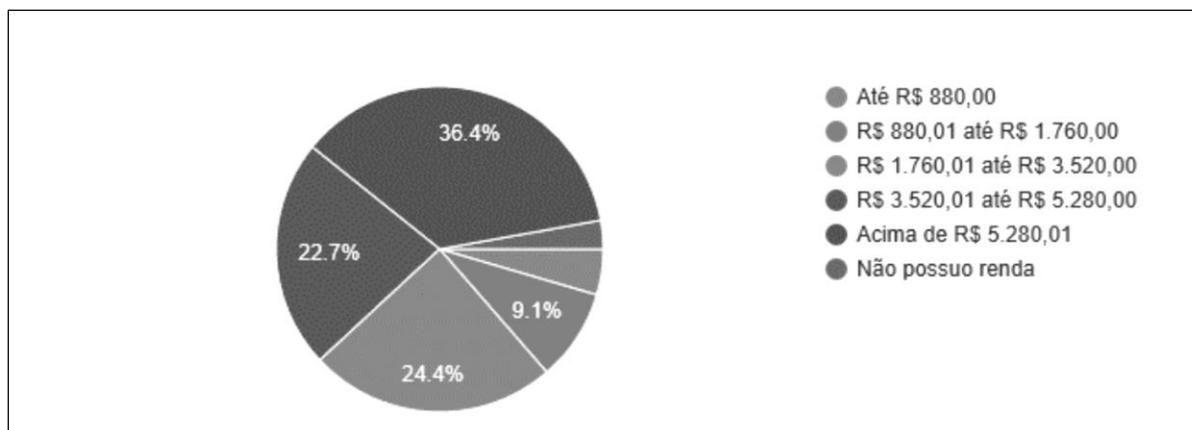
Figura 4 – Fontes de Renda



Fonte: Autores (2016).

As questões que buscaram identificar a renda e a capacidade de investimento mostraram que os respondentes de 37% ganham, em valores aproximados, acima de R\$ 5.000,00, 25% ganham entre R\$ 1.000,00 e R\$ 800,00 e R\$ 3.000,00 e R\$ 500,00 e, 23% de R\$ 3.000,00 e R\$ 500,00 a R\$ 5.300,00 (Figura 5).

Figura 5 – Capacidade de Investimentos

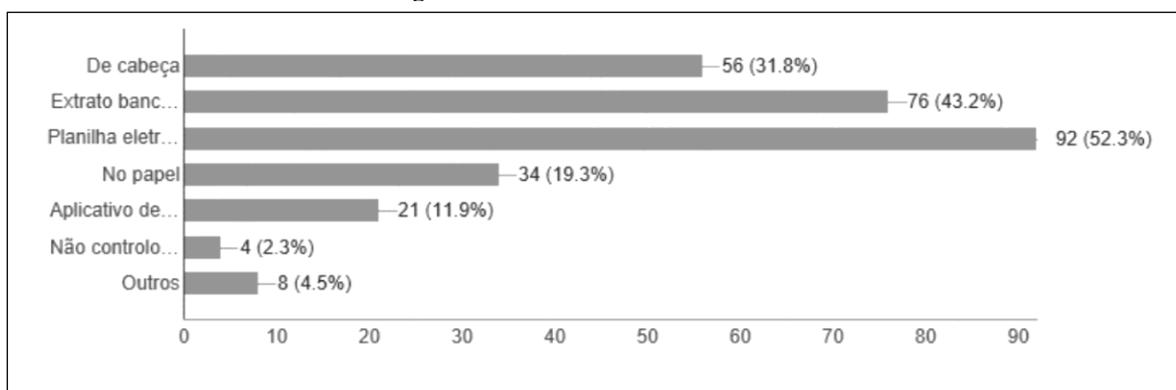


Fonte: Autores (2016).

Os itens do segundo bloco de questões tiveram a intenção de conhecer sobre as decisões de investimento e ainda comportamento financeiros dos investigados.

A metade dos respondentes, mais de 50% afirmou construir uma planilha eletrônica, seguidos pelos que se orientam pelos extratos bancários (44%) e, que tomam suas decisões “própria ou de cabeça” 32%, seguidos das respostas: “No papel”, 20%, aplicativos 12% e ainda aqueles que não controlam representam 2,5% (Figura 6).

Figura 6 – Decisões de Investimentos

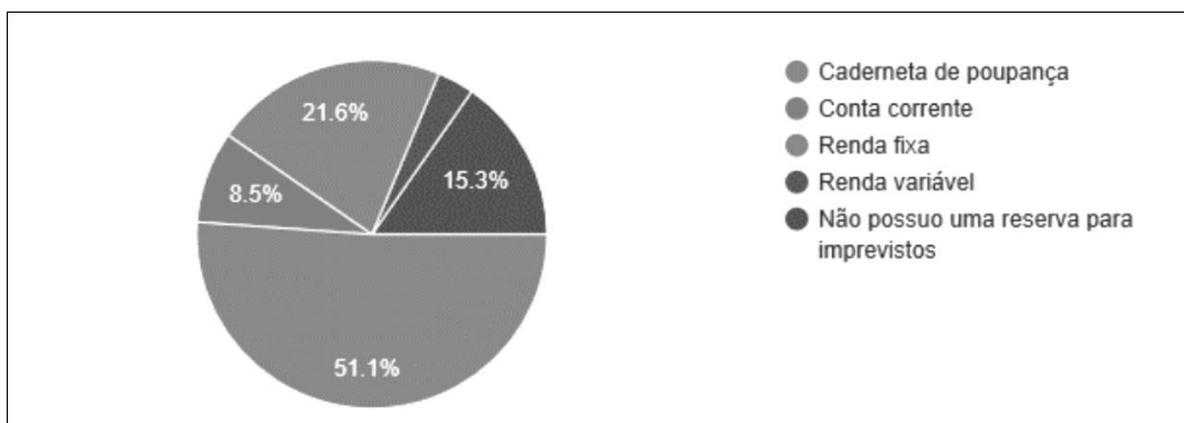


Fonte: Autores (2016).

Ao conhecer as decisões sobre os investimentos, questionou-se quanto ao período de controle de gastos, onde a maioria faz controle de gastos semanalmente (44%), seguido pelos que fazem diariamente 22%, mensalmente um valor aproximado de 18%, há ainda aqueles que fazem controle quinzenal, 12% dos respondentes.

Apesar da taxa Selic (Sistema Especial de Liquidação e de Custódia) de 14,25% ao ano e a inflação alta, a caderneta de poupança ainda é o maior destino das reservas para imprevistos dos entrevistados com 51%, seguido de um valor aproximado de 22% que aplicam em renda fixa e 15% que não possuem uma reserva para problemas e imprevistos (Figura 7).

Figura 7 – Destino de Reservas



Fonte: Autores (2016).

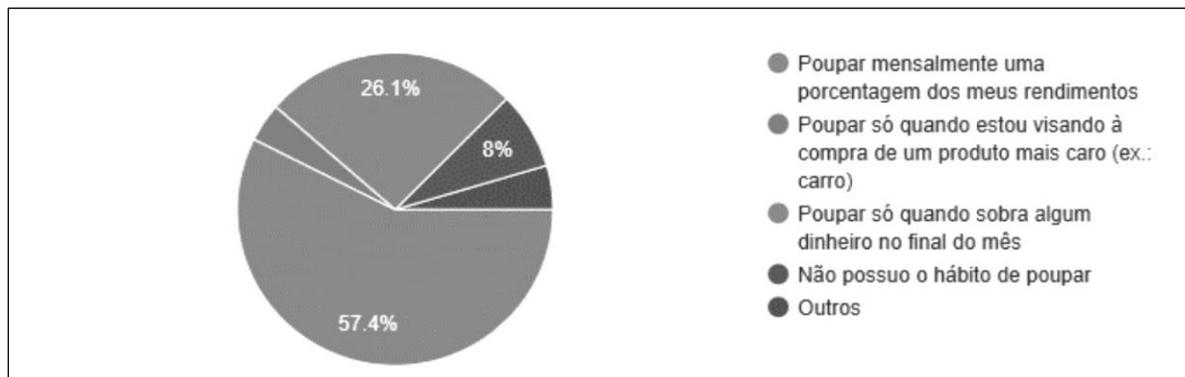
Ao investigar sobre planejamento financeiro detectou-se que os respondentes na maioria, 26% fazem planejamento de seis meses a um ano, 23% não fazem planejamentos e 21% fazem em até seis meses.

Com relação a aposentadoria, a maioria 31%, respondeu que já faz investimentos pensando na aposentadoria, 26% opta por plano de previdência privada para complementar a aposentadoria e, 25% tem plano de começar a poupar para aposentadoria, porém não decidiu quando vai dar início.

Ao pesquisar o ato de poupar, 58% dos respondentes afirmou poupar mensalmente uma porcentagem dos seus rendimentos e, 26% poupa só quando há sobras de dinheiro no final do

mês. Destaca-se que 8% dos entrevistados, apesar de terem um poder aquisitivo elevado (aproximadamente acima de R\$ 5.300,00) revelam não poupar (Figura 8).

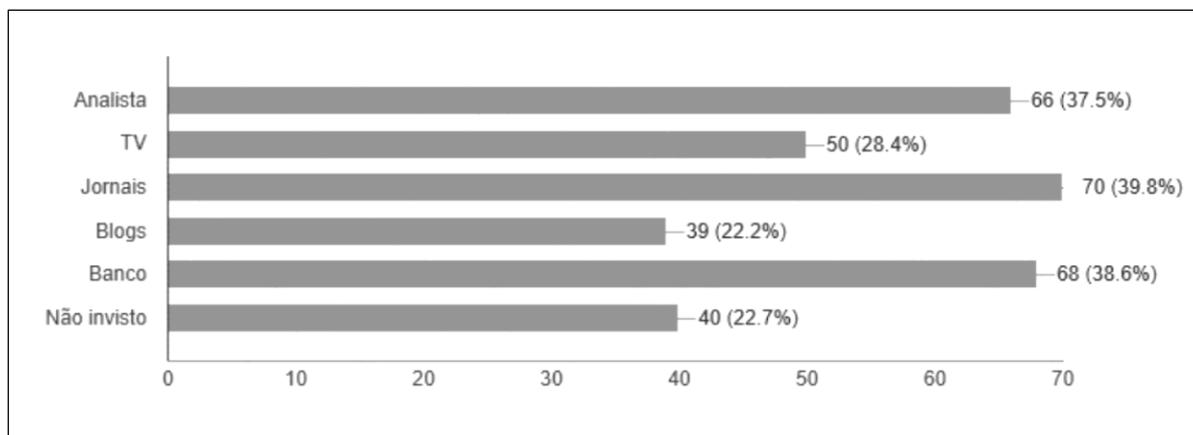
Figura 8 – Ato de Poupar



Fonte: Autores (2016).

As fontes de informação mais utilizadas pelos respondentes para ajudar na decisão de investimento mais citadas são os jornais, apresentando um valor aproximado de 40%, seguido de informações obtidas de seu banco, 39%, analistas financeiros auxiliam fornecendo consultorias em 38% dos casos, seguidos de TV, 29% e Blogs 22% e ainda aqueles que não investem com um percentual de quase 23% (Figura 9).

Figura 9 – Fontes de Informação



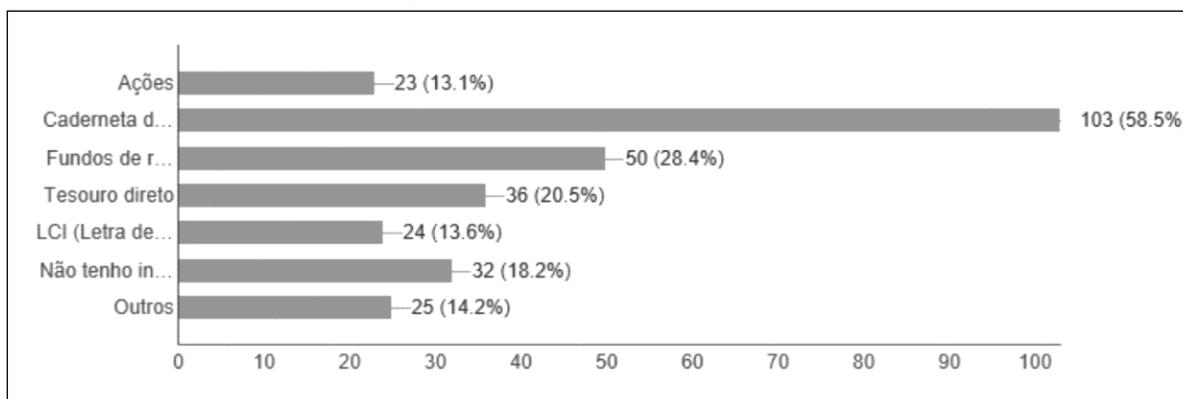
Fonte: Autores (2016).

Sob a hipótese de ter recursos em caixa e não ter um prazo definido para resgatar este montante, os respondentes na maioria 36% escolheram o tesouro direto, pois garante uma boa rentabilidade com baixo grau de risco, caracterizando um perfil mais conservador. Dentre os respondentes, 22% são mais conservadores preferindo investir em bens duráveis como por exemplo, imóveis, dado que a segurança parece ser relevante. Ainda em relação a questão dos investimentos, 15% investem em ações sendo mais suscetíveis ao risco, revelando que é interessante a possibilidade de altos ganhos mesmo com maior risco de perda.

Ao serem questionados onde realmente estão investidos seus recursos, o perfil mostra-se também conservador, onde aproximadamente 60% aplica em caderneta de poupança, 28%

em fundos de renda fixa, 20% no tesouro direto, 18% não investe, 13% em ações e 14% em outros, tais como imóveis em sua grande maioria e moeda estrangeira como apresenta a Figura 10.

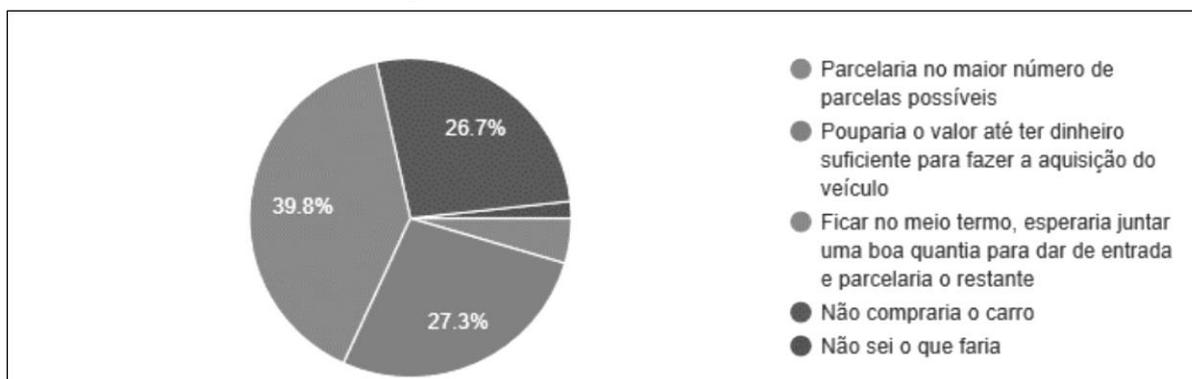
Figura 10 – Investimento dos Recursos



Fonte: Autores (2016).

Em uma simulação de uma compra de um bem durável, no caso de um carro por exemplo, e sob a hipótese do entrevistado não ter recursos para a entrada, a maioria aproximada de 40% prefere poupar uma quantia razoável para dar de entrada e parcelar o restante do valor. Ainda em relação a compra de bens, 28% pouparia o valor até ter o dinheiro suficiente para fazer a aquisição do veículo e 27% não compraria o bem. Porém, percebeu-se que a maioria de comportaria de forma planejada e conservadora sob a hipótese de falta de recursos iniciais para a comprar de um bem durável (Figura 11).

Figura 11 – Investimento dos Recursos



Fonte: Autores (2016).

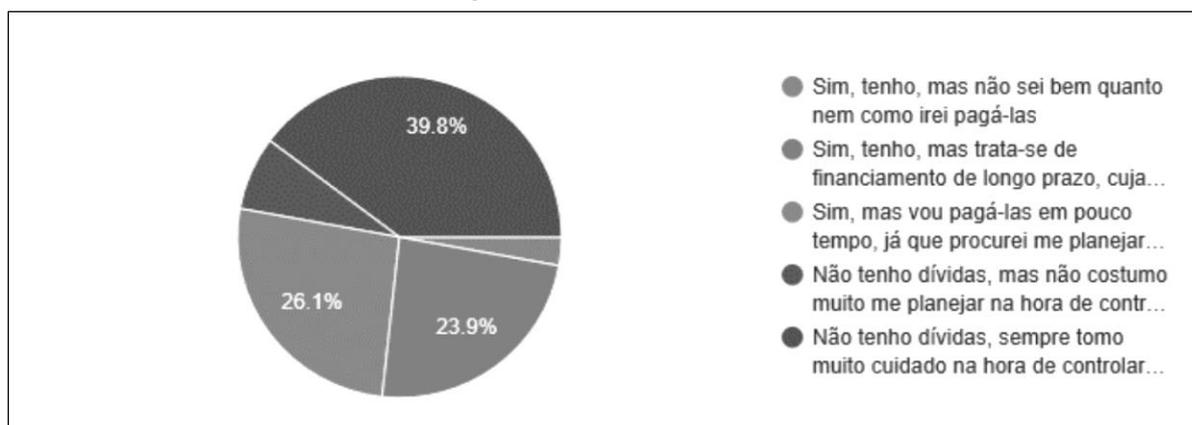
Sobre impulsividade levantou-se a hipótese do entrevistado compra algo sem planejamento e por impulso, 38% dos entrevistados responderam que de duas a quatro vezes nos últimos 12 meses fizeram compras por impulso, 28% não compra por impulso e, 15% pelo menos uma vez no ano acabou por comprar algo fora do seu planejamento.

Em uma autoavaliação sobre as características de impulsividade, 34% não se considera impulsivo, 26% dos entrevistados discorda parcialmente com a afirmação de impulsividade e 26%, concorda parcialmente. Ao se somar os respondentes considerados parcialmente

impulsivos tem se um valor em torno de 52%, o que condiz com as respostas anteriores de realização de compras por impulso mais de uma vez no mesmo ano.

Sobre o grau de endividamento dos entrevistados, 40% não tem dívidas, sempre toma cuidado na hora de controlar seus gastos, 26% afirma que sim, que possui dívida mas vai saná-las em pouco tempo, já que procurou se planejar quando assumiu as dívidas e 24% tem dívidas, mas, se trata de financiamento de longo prazo, cuja a prestação é paga em dia (Figura 12).

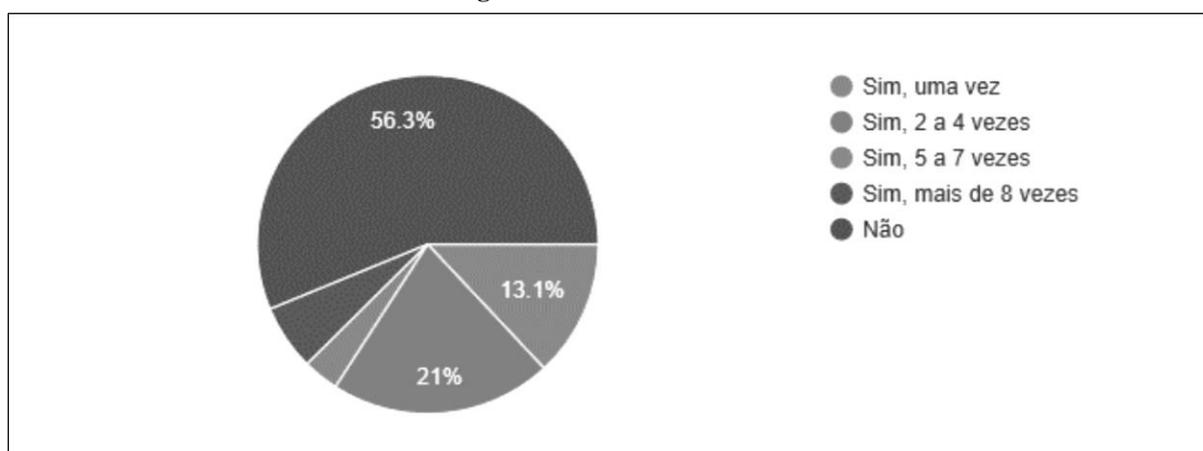
Figura 12 – Grau de Endividamento



Fonte: Autores (2016).

Em relação a possuir ou não dívidas, quase a metade dos respondentes, 42% declara não ter dívidas, 35% dos respondentes tem empréstimos e financiamentos bancários, e 10% é de parcelas de contas tipo cartão de crédito e carnês. Quando questionados se “ficaram no vermelho”, ou com saldo negativo, a grande maioria, 56% “não ficou no vermelho” nos últimos 12 meses por consumir mais do que ganha e 21% ficou entre duas e quatro vezes, já 13% apenas uma vez nos últimos doze meses (Figura 13).

Figura 13 – Contas “No vermelho”



Fonte: Autores (2016).

Com o objetivo de saber a relação entre os hábitos de investir e o que foi aprendido nos seus respectivos cursos, pediu-se para identificar a disciplina que auxiliou nas referidas características abordadas nos questionamentos relacionados sobre o hábito de investir.

Os respondentes informaram que nenhuma das disciplinas cursadas mais influenciou no seu comportamento de investimentos ou tomada de decisão (28%), 27% responderam que nenhuma disciplina contribuiu com tais características principalmente por que os currículos não ofertam disciplina de Educação Financeira. Ao serem perguntados sobre gestão financeira, 15% afirma que a disciplina contribuiu com seu atual comportamento financeiro e, 12% citaram a Matemática Financeira, como a matéria que os auxiliou em tais hábitos. Aqui vale ressaltar que as respostas foram bastante pulverizadas e foram ranqueadas 20 possíveis disciplinas que supostamente, ou seja, por decisão dos autores, influenciaram seu comportamento conforme Tabela 1.

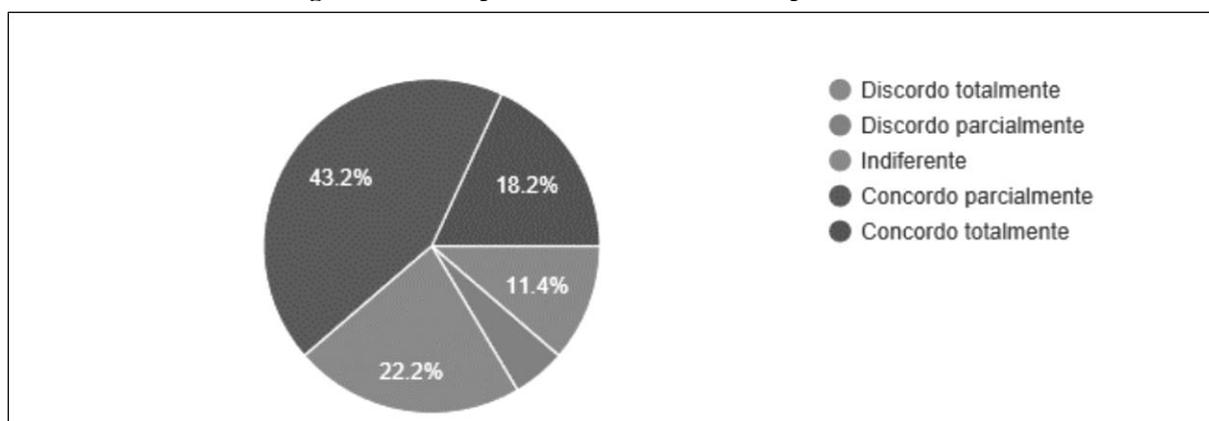
Tabela 1 – Disciplinas Cursadas

Disciplina	Nº de alunos	FR	FP %
Nenhuma	53	0,276042	27,60
Economia	12	0,0625	6,25
Gestão Financeira	28	0,145833	14,58
Microeconomia	7	0,036458	3,65
Matemática Financeira	22	0,114583	11,46
Contabilidade de Custos	9	0,046875	4,69
Mercado de Capitais	8	0,041667	4,17
Macroeconomia	8	0,041667	4,17
Custos	10	0,052083	5,21
Análise de Investimentos	9	0,046875	4,69
Gestão Estratégica	2	0,010417	1,04
Orçamento e Controladoria	3	0,015625	1,56
Não sabe responder	3	0,015625	1,56
Finanças Internacionais	2	0,010417	1,04
Pesquisa Operacional	1	0,005208	0,52
Economia Monetária	1	0,005208	0,52
Contabilidade	7	0,036458	3,65
Todas	2	0,010417	1,04
TCC	1	0,005208	0,52
Jogos empresariais	1	0,005208	0,52
História Econômica	1	0,005208	0,52
Empreendedorismo	2	0,010417	1,04
	192		

Fonte: Autores (2016).

Para confirmar esta relação, os alunos foram questionados se concorda ou não com a afirmação de que as disciplinas cursadas durante a graduação influenciam no seu comportamento financeiro, a maioria, 43% concorda parcialmente, 22% é indiferente e, 18% concordam totalmente. Ao somar os que discordam parcialmente e os que discordam totalmente, obteve-se um resultado de aproximadamente 23%, o que corrobora com as afirmações de que nenhuma disciplina influencia no seu comportamento financeiro, resultado relacionado à questão anterior (Figura 14).

Figura 14 – Disciplinas Influenciam no Comportamento



Fonte: Autores (2016).

O terceiro e último bloco de questões foi relacionado aos conceitos que permitem o entendimento das variáveis macroeconômicas básicas. Para estas questões, os entrevistados indicavam em suas respostas: verdadeiro, falso ou não sei.

Uma das afirmações de controle se refere ao conceito de índice de inflação, que reflete o aumento generalizado dos preços numa economia, onde altos níveis influenciam a decisão de investir, como a manutenção dos recursos em conta corrente por exemplo, faz com que a população em geral perca o poder aquisitivo. Nesse quesito, 94,3% ou seja, a grande maioria responde corretamente quando afirma que a inflação é um problema, porque se perde o poder de compra pelo seu salário e ainda reduz seus rendimentos, 3,4% responderam falso e erraram quando dizem que a inflação não influencia nas perdas salariais e os demais, 2% não sabiam responder.

A maioria dos respondentes possui um perfil conservador e dentre as respostas anteriores sobre investimentos estão os imóveis, a maioria também responde corretamente a afirmação relativa ao aumento de crédito imobiliário que não afeta os preços de mercado dos imóveis, sendo, portanto, falsa (85%), aqui exatamente 7,4% errou a questão e os outros 7,4% respondeu não tinha entendimento do tema. Tal fato é explicado pela maior oferta de crédito, aumenta a demanda de um bem, na ótica da questão, um imóvel.

Ao serem perguntados se a taxa Selic apresentando um viés de alta não afeta na decisão do investimento, apesar de 84% terem acertado a afirmação que a taxa Selic com viés de alta não afeta na decisão de investimento ser uma assertiva falsa, 11,4% não sabiam responder e 4,5% acharam que estava correto. Tal fato é preocupante porque conhecer sobre as taxas de juros é básico para a tomada de decisão para investimentos financeiros, principalmente para quem citou a poupança como destino de seus investimentos. Cabe destacar que os autores afirmaram que as respostas indicam um quadro preocupante, pois a partir de 2012, a poupança é remunerada observando-se o comportamento da taxa Selic e, sempre que a taxa Selic estiver em 8,5% ao ano ou acima, a remuneração da poupança é de 0,5% ao mês mais TR (Taxa Referencial). Dado que a Selic continua em 14,25% ao ano, a remuneração da poupança não acompanha e, portanto, não repõe a inflação mensal.

O último item versou sobre os fundos de renda fixa cobrarem Imposto de Renda, onde a maioria acertou com 68% das respostas verdadeiras e, 20% dos respondentes afirmando não saberem do que se trata, os outros 12% afirmaram ser falsa a afirmativa. É interessante conhecer sobre tal fato, dado que boa parte dos entrevistados afirmaram que investem em renda fixa.

Foi realizada uma correlação entre variáveis julgadas pertinentes pelos autores, no que se refere a determinação da decisão do investimento. Ao relacionar as variáveis de renda pessoal dos respondentes e o destino de suas reservas para despesas imprevistas, observou-se que dos que recebem quantia maior que R\$ 5.000,00, 41% investiriam em renda fixa e 38% em caderneta de poupança, a característica mais conservadora do destino de demanda de moeda para previsão faz sentido uma vez que a qualquer momento pode se precisar desta renda específica. Verificou-se ainda que daqueles que possuem renda entre R\$ 3.520,01 até R\$ 5.280,00, em sua maioria também deixa sua reserva em caderneta de poupança e 15% em renda fixa.

Ao examinar a faixa de renda menor, ou seja, entre R\$ 1.760,01 e R\$ 3.520,00, 73% dos respondentes optaram pela caderneta de poupança, assumindo um perfil mais conservador, onde quase da totalidade dos que não possuem renda ou recebem até R\$ 880,00 não poupam para possíveis imprevistos. O coeficiente de correlação de Pearson apresentou um valor de $r = 0,84$, o que representa uma forte correlação positiva entre renda e reservas para despesas imprevistas.

Ao avaliar os entrevistados que possuem renda acima de R\$ 5.280,01, 27% investem seus recursos em caderneta de poupança, 26% em fundo de renda fixa (CDB) e por fim, 16% realizando investimentos em tesouro direto. Os resultados apresentam semelhantes para a classe de renda de R\$ 3.520,01 até R\$ 5.280,00, 44% dos acadêmicos investem seus recursos em poupança com e 20% em fundo de renda fixa (CDB). O coeficiente de correlação de Pearson resultou em um valor de $r = 0,82$, mostrando uma forte correlação positiva entre rendas e investimentos de recursos.

Por fim, fez-se uma estratificação da amostra por curso, ou seja, avaliando qual é o destino do investimento dos acadêmicos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas e, observou-se em linhas gerais, perfis conservadores. Destaca-se que, especificamente dentre os acadêmicos de Administração, 44% destinam seus recursos para poupança e 14%, investem em fundos de renda fixa. Nessa mesma análise, percebeu-se que os acadêmicos de Ciências Contábeis também em sua maioria, em torno de 40% destinam seus recursos para a caderneta de poupança, porém há maior diversificação nos destinos dos demais investimentos, 16% em renda fixa, 12% tesouro direto e, 11% em LCI (Letra de Câmbio Imobiliário). Os acadêmicos de Economia são os que menos investem em caderneta de poupança e, diversificam seus investimentos, o que pode ser observado em 70% dos casos. Onde, 31% dos respondentes destinam seus recursos para caderneta de poupança, 23% para os fundos de renda fixa (CDB), 16% em tesouro direto, 10% em LCI e 8% em ações.

5 CONCLUSÃO

A educação é fundamental para apoiar decisões na vida das pessoas e, é por meio dela que se adquire conhecimentos para alcançar objetivos pessoais que se almeja, logo apresenta-se como fator importante uma vida financeira equilibrada. Destaca-se que é essencial se desenvolva habilidades que facilitam a tomada de decisões e por conseguinte melhor encaminhamento de suas finanças pessoais. É desta forma, ou seja, conhecendo os preceitos da educação financeira que se tomam decisões acertadas quando se pretende investir.

Diante da importância da educação financeira, a presente pesquisa procurou contribuir para a discussão e incentivar a inclusão de disciplinas afins a educação financeira. Portanto, esta pesquisa teve como objetivo, analisar se os preceitos da educação financeira provenientes das disciplinas ministradas em cursos de graduação na modalidade à distância (EaD)

influenciam ou não o comportamento financeiro e a tomada de decisão quanto aos recursos investidos, visto o endividamento das pessoas pode apontar a necessidade de uma importância maior a alfabetização financeira.

O primeiro bloco de questões teve o intuito de identificar as características gerais da amostra variando de gênero a renda média, onde 48% dos respondentes apresentam idade entre 26 e 35 anos, anos, seguido de 23% entre 35 e 45 anos, detectando-se que os acadêmicos da modalidade a distância são mais velhos o que condiz com as características da amostra, além de serem em maioria do sexo masculino, afirmando-se que os mesmos são os provedores e investidores de suas famílias. É importante registrar que os respondentes representam vários segmentos dos três cursos avaliados e muitos deles em fases finais, o que leva a crer que o entendimento sobre investimentos de recursos fosse assunto claro para os indivíduos que compunham a amostra e que 85% tem emprego formal.

Os itens do segundo bloco de questões procuraram conhecer sobre as decisões de investimento e comportamento financeiros dos investigados, onde se observou que organizam-se e orientam-se predominantemente por planilhas eletrônicas e extratos bancários e sobre o controlam em sua maioria, os gastos semanalmente, seguido pelos que fazem diariamente. A caderneta de poupança ainda é o maior destino das reservas para imprevistos dos entrevistados, apesar da taxa Selic e da inflação alta. Ainda com relação sobre hábitos de investimentos, pediu-se para identificar a disciplina que auxiliou nas referidas características abordadas nos questionamentos relacionados sobre o hábito de investir e, os respondentes informaram que nenhuma das disciplinas cursadas mais influenciou no seu comportamento de investimentos ou tomada de decisão e para confirmar a relação, foram questionados se concordam ou não com a afirmação de que as disciplinas cursadas durante a graduação influenciam no seu comportamento financeiro, a maioria, concorda parcialmente.

O terceiro e último bloco de questões foi relacionado aos conceitos que permitem o entendimento das variáveis macroeconômicas básicas, onde 94,3% responde corretamente quando afirma que a inflação é um problema, porque se perde o poder de compra pelo seu salário e ainda reduz seus rendimentos. Uma taxa Selic com viés de alta não afeta na decisão do investimento, apesar de 84% terem acertado a afirmação que a taxa Selic com viés de alta não afeta na decisão de investimento ser uma assertiva falsa, 11,4% não sabiam responder e 4,5% acharam que estava correto. Tal fato é preocupante porque conhecer sobre as taxas de juros é básico para a tomada de decisão para investimentos financeiros, principalmente para quem citou a poupança como destino de seus investimentos.

Em um teste de correlação entre variáveis julgadas no que se refere a determinação da decisão do investimento, observou-se o coeficiente de correlação de Pearson com valor de $r = 0,84$, o que mostra uma forte correlação entre renda e reservas para despesas imprevistas, o mesmo acontece com a correlação de rendas e investimentos de recursos, resultando em um valor de $r = 0,82$.

Por fim, destaca-se dentre observações mais relevantes que ao se fazer uma estratificação da amostra por curso, observou-se em linhas gerais, perfis conservadores. Observou-se que, especificamente dentre os acadêmicos de Administração, 44% destinam seus recursos para poupança e 14%, investem em fundos de renda fixa, acadêmicos de Ciências Contábeis também em sua maioria e os acadêmicos de Economia são os que menos investem em caderneta de poupança e diversificam seus investimentos.

A presente pesquisa seguiu estudos anteriores, adaptando e utilizando questionários já aplicados em acadêmicos, como a de Vieira, Batalha e Sereia (2011). Os questionários foram

adaptados e incluídas questões sobre variáveis macroeconômicas básicas. Sugere-se para futuros trabalhos utilizar diferentes amostras, tais como acadêmicos de universidades públicas da mesmas regiões consideradas por este estudo, atentando para o fato de que a amostra estudada provém de cursos de graduação na modalidade EaD que compõe o portfólio da UnisulVirtual.

REFERÊNCIAS

- Amadeu, J. R. **A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento**: proposta de inserção da disciplina na matriz curricular. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, São Paulo, 2009.
- Andrade, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação**: noções práticas. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- Donadio, R.; Campanario, M. A.; Rangel, A. S. O papel da alfabetização financeira e do cartão de crédito no endividamento dos consumidores brasileiros. **Revista Brasileira de Marketing**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 75-93, jan./abril. 2012.
- Figueiredo Filho et al. Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson: O retorno. **Leviathan. Cadernos de Pesquisa Política** N. 8, pp. 66-95, 2014.
- Gadelha, K. A. D. L.; Lucena, W. G. L.; Correia, T. S. Decisões financeiras x formação acadêmica: uma contribuição com base na educação financeira. **Anais... 5º Congresso UFSC de Controladoria e Finança**, Florianópolis, SC, Brasil. 2014.
- Greenspan, A. Financial Literacy: A Tool for Economic Progress. **The Futurist**, v. 36, n.4, p. 37-41, July-Aug. 2002.
- Hung, A. A., Parker, A. M.; Yoong, J. Defining and measuring financial literacy. Working Paper N° 708. **Social Science Research Network**, Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2009.
- Huston, S. J. Measuring financial literacy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 296-316, 2010.
- Lopes et al. Alfabetização financeira dos alunos dos cursos de Administração de Empresas, Economia e Ciências Contábeis da FECAP. **Liceu On-line**, São Paulo, v. 4, n. 5, p. 53-71, jan./jun. 2014
- Lusardi, A. Financial Literacy: An Essential Tool for Informed Consumer Choice? **NBER Working Paper**, No. 14084, June. 2008.
- Lusardi, A.; Tufano, P. Debt literacy, financial experiences, and over indebtedness. In: **National Bureau of Economic Research**, Cambridge, 2009.
- Marsh, B. A. **Examining the Personal Finance Attitudes, Behaviors, and Knowledge Levels of First-Year and Senior Students at Baptist Universities in the State of Texas**. Doctor of Philosophy (Ph.D.), Bowling Green State University, Higher Education Administration, 2006.
- Nascimento, J. C. H. B. et al. Alfabetização financeira: Um estudo por meio da aplicação da teoria de resposta ao item. **Anais... 6º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças**. Disponível em: <http://dvl.ccn.ufsc.br/congresso_internacional/anais/6CCF/37_17.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.
- Peleias, I. R.; Lopes Jr., D. S.; Savoia, J. R. F. Geração Y e educação financeira: Um estudo em um Centro Universitário na cidade de São Paulo. **Anais... XVIII SEMEAD Seminários em Administração**. Disponível em:

- < <http://sistema.semead.com.br/18semead/resultado/trabalhosPDF/511.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2016.
- ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Measuring financial literacy: core questionnaire in measuring financial literacy**: questionnaire and guidance notes for conducting an internationally comparable survey of financial literacy. Paris, 2011.
- Peretti, L. C. **Educação financeira**: Aprenda a cuidar do seu dinheiro. 3. Ed. Paraná: Impressul, 2008.
- Potrich, A. C. G.; Vieira, K. M.; Ceretta, P. S. Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante? **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, 12(3), p. 314-333. 2013.
- Trevisan, R. et al. A Importância da Aprendizagem de Noções de Finanças no Ensino Médio das Escolas de Santa Maria-RS. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ**. Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.1, jan./abril, 2007.
- UNISULVITUAL. Disponível em: <<http://www.unisul.br/wps/portal/home/conheca-a-unisul/a-universidade/campus-unisul-virtual>> Acesso em: 01 abr. 2016.
- Verdinelli, M. A.; Lizote, S. A. Relações entre finanças e as características dos estudantes universitários do curso de ciências contábeis. **Anais... 5º Congresso UFSC de Controladoria e Finança**, Florianópolis, SC, Brasil. 2014.
- Vieira, S. F. A.; Bataglia, R. T. M.; Sereia, V. J. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: Uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da UNIMEP**. v.9, n.3, Setembro/Dezembro–2011. Disponível em: <<http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/article/view/345>> Acesso em: 01 abr. 2016.
- Xu, L.; Zia, B. **Financial Literacy around the World: An Overview of the Evidence with Practical Suggestions for the Way Forward**. World Bank Policy Research Working Paper, SSRN, junho de 2012.